

# Índice

O Autor - 5
DEVERES DO HOMEM
Introdução: Aos Trabalhadores Italianos - 7
I - Deveres do Homem - 9
II - Deus - 20
III - A Lei - 26
IV - Deveres para com a Humanidade - 36
V - Deveres para com a Pátria - 44
VI - Deveres para com a Família - 53
VII - Deveres para Consigo Mesmo - 59
VIII - Liberdade - 67
IX - Educação - 72
X - Associação — Progresso - 78
XI - Questão Econômica - 83
Conclusão - 105

# **DEVERES DO HOMEM**



**Mazzini**

## MAZZINI

Giuseppe Mazzini (nascido em Gênova em 1805 e falecido em Pisa em 1872) foi o apóstolo da unidade e da independência italiana, que deveriam ser conseguidas, uma e outra, por obra do povo e na forma democrática da república. Animador incansável, dedicou a sua vida, desperdiçada a maior parte em doloroso exílio, numa fêrvida pregação de idéias, através do exemplo pessoal, de cartas e da atividade revolucionária de associações nacionais e internacionais tais como a “Jovem Itália” (1831), a “Jovem Europa” (1834), a “Liga Internacional dos Povos” (1847) e na “Associação Nacional Italiana” (1848).

A concepção de Mazzini, alimentada por um sentido profundamente religioso (daqui a conhecida fórmula “Deus e Povo”) e aberta à questão social e aos novos problemas da emancipação dos operários, supera de um lado os princípios individualísticos incluídos na Revolução Francesa, afirmando a possibilidade do homem expandir a própria personalidade somente na vida coletiva; e supera de outro lado o utilitarismo do século XVIII, contrapondo a este

uma visão inteiramente espiritual e moral da vida.

No pensamento mazziniano a nação, “livre e una”, não é senão o natural e necessário degrau pelo qual o homem pode alcançar, partindo do conceito de pátria, o superior da unidade substancial, mesmo subsistindo os organismos nacionais, da família humana inteira. Ele, portanto, indicou aos jovens não simplesmente a libertação da Itália e da Europa, mas de todos os povos, como condição primordial da verdadeira libertação do homem.

O pequeno volume *Doveri dell'uomo* — escrito em Londres no ano de 1860 e dedicado aos operários italianos num momento em que a pregação e ação mazziniana estavam perdendo a sua imediata ressonância com relação à unidade e independência italiana, que se realizava pela obra diplomática de Cavour — oferece ao leitor, entre os numerosos escritos do desterrado, a síntese mais lúcida e completa do pensamento de Giuseppe Mazzini e dos ideais que o animavam: pensamento e ideais — podemos acrescentar — sobre os quais não seria supérfluo que os homens de hoje tornassem a meditar.

# INTRODUÇÃO

## AOS TRABALHADORES ITALIANOS

A vós, filhos e filhas do povo, dedico este livrinho, no qual enuncio os princípios em nome e por virtude dos quais cumprireis, se quiserdes, a vossa missão na Itália: missão de progresso republicano para todos e de emancipação para vós.

Amei-vos desde os meus primeiros anos. Os instintos republicanos de minha mãe ensinaram-me a procurar no meu semelhante o *homem*, não o rico ou o poderoso; e a insciente e simples virtude paterna habituou-me a admirar, mais do que a afetada e presunçosa semi-ciência, a virtude de sacrifício, tácita e inadvertida, que tantas vezes aparece em vós. Mais tarde, deduzi da nossa história como a verdadeira vida da Itália é a vida do povo, e como o trabalho lento dos séculos tendeu sempre a preparar, em meio ao surto das diversas raças e às mutações superficiais e passageiras das usurpações e das

conquistas, a grande Unidade democrática Nacional. E então, trinta anos atrás, entreguei-me a vós.

Vi que a Pátria Una, dos iguais e dos livres, não sairia de uma aristocracia que jamais teve entre nós uma vida coletiva e iniciadora, nem da Monarquia que se insinuou, no século XVI, sobre as pegadas do estrangeiro e sem missão própria, — entre nós, sem pensamento de Unidade ou de emancipação, — mas somente do povo da Itália, — e assim o disse. Vi que era preciso subtrair-vos ao jugo do salário e, a pouco e pouco, com a livre associação, fazer o Trabalho senhor do solo e dos capitais da Itália — e, antes que o socialismo das seitas francesas viesse turvar a questão, eu o disse. Vi que a Itália, qual nossas almas a apresentam, só existiria quando uma Lei Moral, reconhecida e superior a todos os que se colocam como intermediários entre Deus e o povo, tivesse derrubado a base de toda autoridade tirânica, o Papado, — e assim o disse. Jamais, por loucas acusações e calúnias e derrisões que me foram lançadas, eu vos traí e à vossa causa, nem desertei a bandeira do futuro. Restam-me poucos anos de vida, mas o estreito pacto que esses poucos comigo firmaram não será violado por coisa alguma que suceda até o meu último dia, e talvez lhe sobreviva.

# I

## DEVERES DO HOMEM

Quero falar-vos dos vossos deveres. Quero falar-vos, ditado pelo coração, das coisas mais santas que conhecemos: Deus, Humanidade, Pátria, Família. Ouvi-me com amor, que vos falarei com amor. Minha palavra é palavra de convicção, amadurecida por longos anos de sofrimentos, observações, estudos. Os deveres que vos indicar, eu procuro e procurarei, enquanto viver, cumpri-los quanto as minhas forças o permitam. Posso errar, mas nunca de coração. Posso enganar-me, jamais enganar-vos. Ouvi-me, pois, fraternalmente; julgai livremente, entre vós mesmos, se parece que vos digo a verdade; abandonai-me, se parecer que vos prego o erro; mas, segui-me e procedei de acordo com os meus ensinamentos, se virdes em mim um apóstolo da verdade. O erro é uma desventura deplorável, mas conhecer a verdade e não submeter-lhe as ações é delito condenado pelo céu e pela terra.

Por que falo eu dos vossos *deveres*, antes de falar dos vossos *direitos*? Numa sociedade onde todos, voluntária ou involuntariamente, vos oprimem, onde o exercício de todos os direitos que pertencem ao homem vos é constantemente roubado, onde todas as infelicidades são para vós e o que se chama felicidade é para os homens das outras classes, por que vos falo eu de *sacrifício* e não de *conquista*, de virtude, de melhoramento moral, de educação, e não de *bem-estar* material? É uma questão que devo esclarecer antes de prosseguir, porque justamente nisso reside a diferença entre a nossa escola e muitas outras que hoje se apregoam na Europa; e, além disso, é essa uma pergunta que facilmente ocorre ao espírito do trabalhador que sofre.

*Somos pobres, escravos, infelizes; falai-nos de melhorias materiais, de liberdade e de felicidade. Dizei-nos se estamos condenados a sofrer sempre ou se também devemos gozar. Pregai o Dever aos nossos patrões, às classes que estão por cima de nós e que, tratando-nos como máquinas, monopolizam os bens pertencentes a todos. Falai-nos de direitos; falai-nos dos modos de reivindicá-los; falai-nos da nossa força. Deixai-nos ter existência reconhecida, e então podeis falar-nos de deveres e sacrifícios.* Assim dizem muitos dentre os nossos trabalhadores, seguindo doutrinas e associações correspondentes ao seu desejo, mas só esquecendo uma coisa; que a linguagem por



eles invocada existe há cinqüenta anos, sem ter conseguido um mínimo de melhoria material na condição dos operários.

Desde cinqüenta anos, tudo quanto se fez pelo progresso e pelo bem contra os governos absolutos ou contra a aristocracia do sangue, foi feito em nome dos Direitos do homem, em nome da liberdade como meio e do *bem-estar* como finalidade da vida. Todos os atos da Revolução Francesa e das outras que a seguiram e imitaram foram conseqüência da Declaração dos Direitos do Homem. Todos os trabalhos dos filósofos que a prepararam fundaram-se numa teoria de liberdade, no ensinamento dos próprios direitos a cada indivíduo. Todas as escolas revolucionárias pregaram ao homem que ele nasceu para a felicidade, que tem o direito de procurá-la por todos os meios, que ninguém tem o direito de impedi-lo nessa procura e que ele tem o de derrubar os obstáculos encontrados no caminho. E os obstáculos foram derrubados: a liberdade foi conquistada, durou vários anos em muitos países e dura ainda em alguns. Melhorou a condição do *povo*? Milhões de pessoas que vivem diariamente do trabalho dos seus braços, terão conquistado um mínimo do *bem-estar* esperado, prometido?

Não, a condição do povo não melhorou; antes piorou e piora em quase todos os países, e especialmente aqui, onde escrevo, o preço das

coisas necessárias à vida vem progressivamente aumentando, o salário do operário em muitos ramos de atividade vem progressivamente diminuindo, e a população multiplicando-se. Em quase todos os países, a sorte dos homens de trabalho tornou-se mais incerta, mais precária; as crises que condenam milhares de operários à inércia temporária tornaram-se mais freqüentes.

E, não obstante, nestes últimos cinqüenta anos as fontes de riqueza social e a massa dos bens materiais têm crescido. A produção reduplicou. O comércio, através de crises contínuas, inevitáveis na ausência absoluta de organização, conquistou mais força de atividade e uma esfera mais extensa para suas operações. As comunicações adquiriram, quase por toda parte, segurança e rapidez, diminuindo, assim, com o preço do transporte, o preço dos gêneros. Por que, pois, não melhorou a condição do povo? Por que o consumo dos produtos, em vez de repartir-se igualmente entre todos os membros das sociedades européias, concentrou-se nas mãos de poucos homens pertencentes a uma nova aristocracia? Por que o novo impulso comunicado à indústria e ao comércio criou, não o *bem-estar* da maioria, mas o luxo de alguns?

A resposta é clara para quem queira penetrar um pouco o fundo das coisas. Os homens são criaturas de educação e só agem de acordo com o

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

